

UM ARQUIVO SOBRE AS PRÁTICAS TEATRAIS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO: PROBLEMATIZAÇÕES NO CAMPO DA PEDAGOGIA DO TEATRO

Marcio Winicios Neres Fabris (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Sidmar Silveira Gomes (Orientador), e-mail: ra112971@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Linguística, Letras e Artes / Teatro

Palavras-chave: pedagogia do teatro, inclusão, arquivo

Resumo:

A presente pesquisa debruçou-se sobre a tarefa de estabelecer um mapeamento dos discursos relativos ao candente campo das práticas que versam sobre o binômio teatro e inclusão. Para tanto foi constituído um arquivo fundamentado por artigos pertencentes ao tema e recolhidos em 68 revistas científicas, 58 da área da Educação e 10 da área das Artes e das Artes Cênicas. Ao longo desta análise, foi possível notar de forma recorrente no interior de tal campo discursivo a premissa do teatro como instrumento oportuno aos propósitos das diferentes categorias da inclusão social dos sujeitos. Disso, identificou-se e problematizou-se um paradoxo: a discursividade de um teatro inclusivo se opõe veementemente à ideia de corpos e comportamentos hegemônicos, entretanto, essa mesma discursividade, ainda que evidenciada por meio de práticas diversificadas em termos de temas, de objetivos e de caminhos metodológicos, parece se pautar e contribuir para a profusão de dizeres e considerações padronizadas acerca das possíveis relações entre o teatro e a inclusão.

Introdução

O filósofo transgênero espanhol Paul B. Preciado (2016) nos apresenta em sua crônica “Uma escola para Alan” um garoto transexual. Esse garoto cometeu suicídio aos seus 17 anos por conta do preconceito que sofreu principalmente dentro das instituições escolares pelas quais passou ao longo de sua breve existência. Preciado pinta a instituição escolar como um sistema de repressão e normatização que marginaliza e oprime indivíduos que não fazem parte dos padrões de normalidade. Disparada pelas discussões travadas por esse autor – candentes hodiernamente –, a presente pesquisa, realizada no âmbito do programa de iniciação científica (Bolsa PIBIC/CNPq-Fundação Araucária-UEM), se interessa pelo mapeamento e escrutínio do espraiamento e da dispersão dos discursos relativos ao par teatro e inclusão no âmbito da pedagogia do teatro,

debruçando-se sobre um arquivo constituído por artigos garimpados em revistas científicas das Artes, das Artes Cênicas e da Educação.

Materiais e métodos

Investe-se nesta pesquisa no trabalho arquivístico no campo da pedagogia do teatro como substrato para, a partir do inventário de uma dada discursividade e do escrutínio de seus regimes de dizibilidade, identificar-se perspectivas outras para matutar-se sobre um dado tema. Neste caso, tratou-se de embrenhar-se pela análise crítica das associações entre as práticas teatrais e as práticas de inclusão de sujeitos detentores de diferentes condições sociais, físicas, psíquicas e econômicas, com o fito de se refletir sobre como tem sido pensado tal tema. Para a constituição do arquivo empírico da presente investigação, como já dito, foram utilizadas 68 revistas científicas, sendo 58 da área da Educação e 10 da área das Artes Cênicas, ao longo de um recorte temporal que se estende da década de 1990 ao ano de 2020.

Após busca simples, por meio dos termos teatro e inclusão, realizada na totalidade dos artigos publicados nas supracitadas revistas, foram selecionados 32 textos, os quais foram lidos e catalogados em tabela específica de organização de dados, com indicação das referências de cada artigo, ideias e palavras-chave, além de trechos-chave. Tal processo revelou a predominância de seis categorias de inclusão: 1) teatro e inclusão de pessoas com deficiência física e/ou cognitiva; 2) teatro e inclusão de pessoas com Síndrome de Down; 3) teatro e inclusão de pessoas cegas; 4) teatro e inclusão de pessoas LGBTQIA+; 5) teatro e inclusão de pessoas em situação de vulnerabilidade econômica e social; 6) teatro e inclusão de pessoas surdas. Vale ressaltar que essas categorias, não raro, se mostram interdependentes. Portanto, feito o arquivamento, pela fricção dos discursos selecionados, partiu-se para a análise crítica alvo da presente investigação.

Resultados e Discussão

Sobre o conceito de inclusão, Ricieri e Santos (2015), expõem que incluir está relacionado a tornar todas as pessoas participativas nos processos de aquisição e produção da cultura e dos bens materiais.

Como já dito, os artigos que versam sobre o teatro e a inclusão foram agrupados neste trabalho em seis categorias. A seguir são apresentados pensamentos colhidos no interior do arquivo de trabalho que ilustram algumas delas. Ricieri e Santos expõem que para se reverter a expressa situação excludente da pessoa com deficiência, “[...] se faz necessário a proliferação de pesquisas no sentido de aproximar toda sorte de disciplinas à temática da inclusão, não somente de deficientes físicos, mas também de autistas, dislexos etc.” (RICIERI; SANTOS, 2015, p. 72). Em vista disso, os pesquisadores apontam a disciplina de Artes como capaz de viabilizar a interdisciplinaridade no que se refere às práticas inclusivas no âmbito social e escolar. Cintra, Oliveira e Veiga acreditam que a ludicidade, inerente às

aulas de Arte, pode ser um recurso transformador no processo de desenvolvimento da criança com síndrome de Down: “é através das brincadeiras que a criança com síndrome de Down, assim como todas as outras, vão descobrindo o mundo, tendo relações com os outros” (CINTRA; OLIVEIRA; VEIGA, 2015, p. 163). Rabello desenvolveu um processo no qual o objetivo concentrou-se na apropriação do texto teatral “Romeu e Julieta”, de Shakespeare, por parte de aturantes cegos, concluindo que a experiência “[...] evidenciou que os processos teatrais têm a possibilidade de fornecer uma série de situações nas quais os alunos deficientes visuais se encontram motivados pela aprendizagem, exercitando o fazer, a leitura e a observação/reflexão do seu contexto cotidiano” (RABELLO, 2007, p. 167). Fernandes, Mondiger e Pires, elegeram a seguinte questão: “o que emerge do corpo da criança em vulnerabilidade psíquica e social?” (FERNANDES; MONDIGER; PIRES, 2010, p. 20). Concluem que “a experiência lúdica fez emergir questões que permeavam não somente os corpos, mas também o imaginário e a realidade das crianças envolvidas” (FERNANDES; MONDIGER; PIRES, 2010, p. 23). Como visto, ainda que guardem suas particularidades, os diferentes discursos aqui presentes ressaltam, em sua grande maioria, as positividade dos processos inclusivos, fazendo suas apostas na Arte, e mais especificamente no teatro, como instrumento eficaz e benfazejo à implementação de tais práticas.

Conclusões

Assim sendo, por meio da perspectiva aqui apresentada, as práticas teatrais como instrumento inequívoco para a inclusão social dos cidadãos, tendem a contribuir para a naturalização da ideia do teatro como Arte que salva. Abordadas dessa forma, os supostos potenciais inclusivos das práticas teatrais aproximam-se da condição de uma ideia dada de antemão, desde sempre existente, universal, indiscutível, hegemônica e destituída de historicização. Dessa forma, negligencia-se o fato de que essa função dada ao teatro, ou, se se preferir, essa sua suposta espécie de potencialidade nata, assim como a própria ideia de teatro, foi construída socialmente, emergiu de cisões arbitrárias, inauguração de valores e atribuições. Defende a presente reflexão que lembrar-se disso é fundamental ao senso crítico necessário a qualquer discussão pretendida no campo do tema da inclusão social de cidadãos. Do contrário, corre-se o risco de, por exemplo, por meio da negação ao dissenso, reiterar-se exatamente o que se diz pretender combater no interior de tais discursos: a normatização de condutas e de corpos por meio da padronização de ideias e conceitos hegemônicos. Resumindo, a pergunta posta é: é possível lutar contra certas ideias hegemônicas de sujeito e de corpo valendo-se de práticas teatrais que, ainda que explorem, como visto, uma gama diversificada de temas e caminhos metodológicos, tendem à naturalização de seus discursos por culminarem sempre em equivalentes conclusões, redundantes ante à premissa de que o teatro inclui?

Agradecimentos

Agradeço ao CNPQ e à Fundação Araucária pelo fomento à presente pesquisa, ao programa institucional de bolsas de IC por proporcionar este rico conhecimento e ao meu orientador por ser meu alicerce.

Referências

CINTRA, R. C. G.; OLIVEIRA, A. N. de; VEIGA, E. C. F. As contribuições do lúdico no processo de desenvolvimento das crianças com síndrome de DOWN na educação infantil. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 159-166, jul./dez. 2015.

FERNANDES, F. R.; MÖDINGER, C. R.; PIRES, C. L. Corpo-criança: um diálogo entre teatro e saúde mental na infância. **Revista da Fundarte**, Montenegro, v. 10, n. 20, p. 19-24, jul./dez. 2010.

PRECIADO, P. B. Uma escola para Alan. In.: **Um Apartamento em Urano**. São Paulo: Zahar, 2016, p. 195-199.

RABELLO, R. S. O teatro na educação do deficiente visual e a teoria da peça didática de Brecht. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 16, n. 27, p. 159-168, jan./jun., 2007.

RICIERI, J. G. B. P.; SANTOS, M. M. dos. A arte inclusiva e a inclusão da arte: alguns apontamentos. **Revista da Fundarte**, Montenegro, ano 15, n. 29, p. 64-73, jan./jul. 2015.